



Adelina Abranches

LÓDO

PEÇA EM TRES ACTOS, DE ALFREDO CORTEZ,
REPRESENTADA,
EM RECITA UNICA, NO POLITEAMA



Alfredo Cortez

A peça em tres actos, *O lódo*, segundo trabalho do sr. Alfredo Cortez, depois de «recusada por todas as empresas, foi posta em scena pelo autor, em recita unica, na noite de 2 de julho de 1923, no teatro Politeama, de Lisboa», consoante resa uma nota que, no volume apparecido á venda, antecede a distribuição. A recita realitou-se em beneficio da Casa de Gil Vicente e o teatro encheu-se de ponta a ponta, menos porque houvesse empenho em auxiliar aquele Instituto de beneficencia que pelo cheiro acre do escandalo, visto constar que a peça era brutalmente audaciosa e versava um assunto da maior escabrosidade. Se o espectáculo do palco despertou, de facto, interesse, o da sala e dos corredores afigurou-se-me ainda mais interessante. Entrechocaram-se os que aplaudiam e os que condenavam, ficando o autor com a grata impressão, que os nubes conservem, de que a quasi totalidade do publico estava decididamente do seu lado, e saboreou aquele «teatro portuguez» com o mesmo enlevo e a mesma delicia que assinalaram a estreia do *Frei Luiz de Sousa*, numa noite por igual memoravel. Assegura-se que, entre nós, a critica não existe, mas raro se tem publicado tão longos e tão notaveis artigos criticos como a proposito de *O lódo*. Os srs. Jaime Victor, Matos Sequeira, Cristovam Aires, Jorge de Faria, Artur Portela, Mario Bonança, Nogueira de Brito, Augusto de Lacerda, Leitão de Barros, Luiz de Oliveira Guimarães, e ainda outros, alargaram-se na minuciosa apreciação da obra do sr. Alfredo Cortez, de modo a preencherem colunas da imprensa diurna e nocturna. Como resposta, o autor de *O lódo* veiu proclamar, em letra redonda, que «a critica em Portugal está perfeitamente desacreditada» e que «os dramaturgos portuguezes... não encontram uma voz autorizada e competente que os reprehenda ou que os instigue, que lhes mostre as suas qualidades e os seus defeitos, sendo vulgar, a troca de duas venias, quem as faz, ouvir os maiores elogios, ou encontrar a perseguição pessoal todo aquele que não tratar os usurpadores da imprensa de teatro com a necessario acatamento.» Dir-se-hia, porquanto o sr. Alfredo Cortez não faz restricções, nada haver de proficuo e de sério, de independente e imparcial nas criticas firmadas pelos jornalistas e homens de letras que acima se mencionam e achar-se a maior parte destes, senão todos, muito abaixo da cravella do criticado, que se reputa apenas uma vitima de «inimigos pessoais». Com effeito, os dois ou tres criticos, dos dez cujos nomes cito, e que foram de uma extremada benevolencia para com o sr. Alfredo Cortez, não lhe enalteceram incondicionalmente o valor, que ninguém, aliás, lhe nega, pelas fortes razões por que os outros censuraram, em varios dos seus aspectos, a obra que deu á estampa e não se dispousou de ver desempenhada, embora em recita unica. Seria o cumulo se tal fizessem!

Mas o que é *O lódo* e como se explica tamanha bulha levantada á sua volta? Um dos nossos gestos consiste em andar, por via de regra, atrazados nas coisas que respeitam ás bellas-lettras e ás bellas-artistas. Tomamos, amiude, por innovações, por ineditismos, por creações, por audacias nunca vistas, certos trabalhos que, revelando porventura louvaveis meritos, estão, no entanto, longe de possuir a novidade e a originalidade que lhes atribuem os facéis entusiasmos dos basbaques ou dos amigos do diabo. *O lódo* é uma peça successivamente realista, romantica e guinhollesca, tendo o autor carregado a mão em qualquer dos generos. Observando-se nela a lei das tres unidades, com a qual hoje se prendem raros dramaturgos, adotam-se ao mesmo tempo os processos vulgares das tres escolas, as duas primeiras corrauas de veneraveis cans e a ultima tambem já entradinha em

edade, comquanto mais nova e menos desenvolvida que as outras. O realismo, o romantismo e o guinholismo de *O lódo* fizeram a sua epoca e o sr. Alfredo Cortez, imaginando-se um reformador, quicá porque amalgamou, sem dar por isso, os tres generos nos seus aspectos mais exagerados, pouco menos é que um retardatario. As proprias arremetidas quixotescas que tem por alvo os moinhos da critica representam um atrazo de quasi meio seculo. Houve sempre autores que esgrimissem contra criticos. A historia dos manifestos não é nova. O romancista do *Pot-Bouille* e do *Assomoir*, de quem o sr. Alfredo Cortez se aproxima na aguda sensibilidade morbida, subscreveu-os para maltratar a critica quando ella se não conformou, em absoluto, com o naturalismo posto em scena por Emilio Zola e os seus colaboradores. Mas os manifestos zolescos, a despeito da sua irritação doentia, expunham e opunham argumentos; o sr. Alfredo Cortez não discute. Com um desdem olimpico, classifica de incompetentes os que ousam fazer comentarios ás suas produções teatraes e chega ao ponto de lhes negar sombra de sinceridade. Isto é que me parece ser um sistema original e inequivo-

O lódo foi analisado com superior competencia por alguns dos nossos criticos teatraes a quem não escasseia autoridade para semelhante cometimento, menos transcendental, todavia, do que possivelmente supõe o autor da peça. Seria injustiça não reconhecer no sr. Alfredo Cortez queda e getto para o que se chama a construção de um trabalho scenico. Mais do que queda e getto: manifesta e apreciabilissima habilidade. O primeiro acto de *O lódo*, como o primeiro acto da *Zilda*, o demonstra. E' o que se aproveja denominar, em literatura dramatica, a carpintaria. O sr. Alfredo Cortez, porém, não obstante o natural escrupulo com que atende a pormenores aparentemente minimos, e que o não são, porque servem para justificar determinados episodios e circumstancias varias que ficariam inexplicaveis, é ainda, aqui e acolá, desigual, imperfeito e por vezes ingenuo, sobretudo quanto ao estilo, que faz parte integrante da tecnica. Decorre a acção de *O lódo* num prostibulo de infima classe, em pleno bairro da Mouraria. O realismo do quadro obriga a lembrar ao autor que nem toda a verdade da vida se pode transferir, nua e crua, para o palco, porque nem toda a realidade cabe nos dominios da Arte, se bem que não haja um assunto que deixe de ser teatralisavel. O caso está em que se saiba teatralisalo, no bom e alto sentido desta palavra. E soube o sr. Alfredo Cortez, por forma que impressionasse, comovesse e empolgasse, teatralisar o escabroso e repugnante entrecho de *O lódo*? O que conseguiu—em muitos dos que o ouviram e não patearam—foi provocar a nausea. As figuras que se movem no primeira plano da peça são, na sua hedionda crapula, na sua estrutural torpeza, na sua horrenda bestificação, simplesmente nauseantes. Exceptua-se uma, que despertaria a nossa sympathia e a nossa piedade e não deixaria indifferente a nossa ternura se possuísse verosimilhança e logica. A Domingas Capella, dona do alcouce; o Manuel Facão, chulo encartado; a Julia forastellara, filha da Domingas e amante do Manuel, que o havia sido primeiro da proxeneta, pertencem á vasa humana mais repulsiva e meffica. A Maria da Luz, flor melindrosa de pureza, ardendo, aos vinte e um anos, em amor filial pela mulher que lhe deu o ser, mas a não creou nem educou, e que pretende, sem outros recursos além da boa vontade, salvar sua mãe que desceu á ultima degradação, só porque a ella a tentaram seduzir, é um pobre invento romantico dos mais artificiosos e inconsistentes. Proval-o nada me custaria, se dispuzesse de espaço, mas creio que se me offerecerá occasião de o fazer oportunamente noutro logar. Como o sr. Alfredo Cortez não acredita na sinceridade e na competencia da critica, decerto que a demora o não afflige. Ante o fratricidio de que é vitima Maria da Luz, de subito e por causa de um sordido lucro, ainda não irremediavelmente perdido, estrangulada pela monstruosa irmã, ficamos im-

(Continúa na pag. 62)



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

SONETOS e ATRAVEZ DA BRUMA. por Maria de Carvalho

E' a sr.^a D. Maria de Carvalho uma das primeiras poetisas portuguesas contemporaneas. Poderão outras, das que vieram depois, ter conquistado uma popularidade maior; ela, porém, conserva o posto de honra que conquistou com os *Sonetos*, cuja segunda edição temos presente. A sr.^a D. Maria de Carvalho não faz do



Maria de Carvalho

amor o tema exclusivo dos seus versos. Preferindo a forma poetica que deu o titulo ao volume, os seus sonetos buscam a inspiração numa multiplicidade vastissima de temas: as coisas do espirito e as da natureza; os sentimentos que tumultuam na alma e as maravilhas que constituem o universo; as recordações do passado e os sonhos do futuro; as delicias da fé e os desesperos da duvida; os encantos de Portugal e as formosuras que lhe deslumbra os olhos nas suas peregrinações europeias. D. Maria Amália Vaz de Carvalho, exaltando estes breves poemas, disse: «São versos de mulher e de Senhora, como eu os amo, como os quereria ter feito, se a vida não me tivesse arrastado para dominios mais aridos e mais positivos.» E a illustre escritora concluiu num rogo: «Dê-nos versos tão bonitos, tão diversos, tão tocados duma graça misteriosa como os que nos tem dado até agora.» A sr.^a D. Maria de Carvalho assim fez. O livro *Atravez da bruma*, igualmente em sonetos, confirma todas as belas qualidades da poetisa que, em não poucos, nos brinda com incontestaveis obras primas pela delicadeza e elevação do pensamento e pelos primores da forma. Edições da livraria Rodrigues, da rua do Ouro.

ALTAR, por GIL VAZ

Em luxuosa edição, no estilo das da sr.^a D. Judith Teixeira, fez estampar o sr. Gil Vaz um punhado de canções, em quadras setisilabicas, de rimas simples, que, frequentemente, possuem um delicioso sabor popular. E' de obrigação — e bem grata — reconhecer que ao poeta não faltam qualidades para este genero. Os versos são, em geral, harmoniosos, encerrando imagens simples mas belas; a metrificacão é correctissima. A materia do volume caberia, porém, muito á vontade, na quinta parte do papel por que se alarga. Não o dizemos para censurar o poeta que está no pleno direito de dar á sua obra a disposição grafica que melhor lhe convenha, ou mais lhe apeteça. Dizemol-o apenas para lastimar que tanto espaço em branco não seja preenchido por novas quadras tão bonitas como as que foram estampadas. Edição do autor.

PERFUMISTA.—Deseja V. Ex.^a um perfume proprio para sachet. Como não explica se o deseja para roupa ou para uso proprio envio-lhe du's receitas.

Para as gavetas: Reduzem-se a pó partes eguaes folhas de tomilho, de alfazema, de hyssope, de verbena, d' malva, de rosmarinho e de mangericão. Juntam-se a este pó alguns cravos da India e uma porção de noz moscada. Mete-se esta mistura em saquinhos de pano grosso.

Para uso proprio: Desfolham-se rosas brancas e põem-se as pétalas a secar d' sombra; depois metem-se por uns segundos num forno muito brando, até ficarem friaveis, e depois de reduzidas a pó fazem sachets perfumadissimas. —D.

ERRATA

No anterior numero da *Ilustração* diz-se, por lapso, na legenda do retrato do illustre professor de anatomia sr. dr. Henrique de Vilhena que este homem de sciencia foi a S. Tiago de Compostela assistir a um banquete em honra do medico espanhol sr. Gumersindo Guisando «que foi um dos seus mestres», quando devera ter-se dito de «quem foi um dos mestres». Fica feita a rectificação, com as nossas desculpas ao sr. dr. Henrique de Vilhena.

«O LODO», por Alfredo Cortez

(Continuado da pag. 37)

passíveis. A attitudé da velha ramelra, a quem o assassino não assombrou de sorte a cohibi-la de fornecer, num apice, a idéa e o meio da criminosa se furtar á responsabilidade da sua obra, será defensavel, mas como cumulo do pestilento, inconcebivel tremedal em que o autor mergulhou a sua pena de retratista-psicologo de podridões que, ainda entre aqueles desclassificados, serão, numa grande parte, esporadicas.

Convenhamos em que o sr. Alfredo Cortez já se mostra senhor do compasso e da regua com que traça, gradua, concatena e desenlaga as scenas e os actos das suas peças. Não se resume, todavia, em tal a tecnica de um dramaturgo. E' mister que, além de bom carpinteiro, seja tambem homem de letras com a exacta noção dos valores da linguagem teatral. Em *O lodo*, mascararam-se as deficiencias literarias do autor, sob este aspecto, com a abundancia dos termos de gloria, no primeiro e terceiro actos. No segundo, porém, errou totalmente, quando quiz que as personagens falassem como gente limpa, e o seu estilo e as imagens e os conceitos expressos assemelham-se então aos de certos romances distribuidos pelos domicilios em cadernetas e que fazem as delicias dos marcanos e das costureiras. Não seria difficil exemplificar o com inumeras passagens, em que a falta de tecnica litteraria do autor resalta a cada instante.

E', porventura, *O lodo*, grosseira pintura tragico-grotesca de corpos e almas da mais baixa ralé, obra sem finalidade, sem elevação e sem beleza, embora exista o belo horrivel—é *O lodo* que vem contrapor-se á tal «atmosfera de pessimismo, de asfixia e de derrotas», supostamente creada pela imprensa, na affirmacão do autor, para embaçar o caminho ás peças originaes portuguezas? Parece troça!

O prestigio de Adeline Aranches, ainda mais que a sua arte maravilhosa; a solidariedade, o talento e a coragem de Amelia Rey Colaço, o esforço de Constança Navarro, a intelligencia de Robles Monteiro reuniram-se para, num conjunto que merece encomios, pôr de pé *O lodo* na noite de 2 de julho, em recita unica. Não duvido de que, a continuar em scena, tivesse espectadores e aplausos e talvez quartas-feiras da moda e assistencias elegantes nos *carnets* das gazetas...

AVELINO DE ALMEIDA